

OLHO PRO CÉU E VEJO COMO É BOM

MARTE UM (Gabriel Martins, 2022, Brasil)

por Juliana Costa

“Anoiteceu / olho pro céu e vejo como é bom
ver as estrelas na escuridão
espero você voltar
pra Saigon”

Saigon, Emílio Santiago

Não é pouco *Marte Um* (2022) começar com sons de explosão e aos gritos da vitória do governo Bolsonaro - e confesso que reluto em escrever este nome em um texto sobre filme tão delicado. Mas é fato que o nome é a segunda palavra (depois de “mito”) que ouvimos, ainda com a imagem do céu estrelado ocupando a tela. No entanto, se o céu como um espaço de poder está ocupado por estas palavras de agonia, os personagens de *Marte Um* ocupam espaços mais expressivos: os espaços de prazer. Não por acaso, o tom fabular da narrativa e das imagens, como o rosto de Deivinho olhando o infinito, reforçado por uma trilha sonora inequívoca, evoca os filmes de aventura juvenil norte-americanos do início dos anos 1980, período do conservadorismo da era Reagan. Em momentos de ataque explícito, nos refugiamos nos sonhos, na possibilidade de voltar para Saigon.

Enquanto a vitória mais sofrida da república brasileira acontece, a casa de Tércia (Rejane Faria) e Welligton (Carlos Francisco), pais de Deivinho (Cícero Lucas) e Euníce (Camilla Damião), dorme. Ainda assim, a explosão vai acontecer novamente em momento inesperado e se repete cena após cena nos ouvidos de Tércia e nos nossos. Um estrondo que anuncia o tempo todo: alguma coisa ruim vai acontecer. De fato acontece. Entre situações prosaicas e quiméricas, como o telescópio construído por Deivinho, a estrutura da família vai sendo remexida pelos sonhos e desejos dos filhos do casal, crises de ansiedade da mãe e a demissão do pai

E se os personagens ocupam este espaço de prazer, o espaço da possibilidade e do sonhar, o diretor Martins também ocupa o seu: antropofagisa o melhor do cinema norte-americano dos anos 1980, como já havia feito em *No Coração do Mundo* (2019), que co-dirige com Maurílio Martins, e filma a família com a inocência afetuosa de um Steven Spielberg e a dignidade heróica de um Clint Eastwood. É nos *closes* do rosto curioso de Deivinho, ou na expressão do pai aflito com a demissão, ou ainda na construção da cena em que Euníce apresenta a namorada à família durante um jogo de Atlético e Cruzeiro, ou na tensão da sequência do acidente de bicicleta de Deivinho, que *Marte Um* alça vôo e nos leva para o céu da nossa infância cinematográfica - quando ainda éramos inocentes - e pra onde sempre queremos voltar.

Mas *Marte Um* é coisa nossa, e arrasta a nossa fantasia também para os programas de auditório (patrimônio nacional), que tiveram seu auge na televisão brasileira nos anos 1990, com a dupla de namorados da casa onde Tércia trabalha.

Martins ainda nos presenteia com uma cena de sexo quente em local proibido, embalada por Emílio Santiago, no maior estilo mini-série televisiva da meia noite. É esta colagem de cinema com televisão, espetáculo com cotidiano, chiclete com banana, que imprime no filme uma nostalgia absolutamente atual.

Marte Um chega aos cinemas no mesmo ano de *Nope* (2022), Jordan Peele, com quem compartilha, por vias opostas, o olhar para o espetáculo. Se Peele penetra o maneirismo visual para pensar o cinema depois do fim, Martins dá um passo atrás e busca o cinema nas imagens cotidianas de uma família de classe média brasileira. E os dois se tocam no céu. Permanecendo em solo nacional (ou nas profundezas do solo nacional), *Marte Um* vai às telas no mesmo ano da estreia em festivais de *Mato Seco em Chamas* (2022), Adirley Queirós. E não poderia haver dois filmes tão diferentes sobre o Brasil da era Bolsonaro. Enquanto Adirley Queirós fabula uma distopia comunitária como resistência política, Gabriel Martins olha com afeto para uma família que se mantém unida apesar das explosões: “A gente dá um jeito, nega”, diz Welligton com uma confiança tímida após a demissão.

Vislumbrando brevemente este cenário, *Marte Um* é um abraço. Existe a possibilidade do sonho. Deivinho pode sonhar com a sua missão Marte Um, Eunice pode imaginar um futuro tranquilo com sua namorada, Gabriel Martins pode viajar para Los Angeles e voltar com uma estatueta dourada. Nem nós sabíamos que precisávamos tanto deste filme em 2022.